

doutor Bruno vio-se pouco a pouco decrescer na lucta com a de outro collega novo que se começou a pôr em evidencia. E tinha sido o bom doutor quem havia feito crear um novo partido municipal para ser provido n'ele um maroto, que o ia vencendo, menos pelo saber do que pela trica eleitoral — em que parecia ter-se principalmente doutorado.

O que mais desesperava o doutor Bruno era o collega fazer carreira nos trivios sinuosos da politica, sem esmagar, como elle, os seus interesses clinicos no gral exigentissimo das eleições. Porque o patife ganhava dinheiro ás mãos largas, estadiava uma representação, que seria a inveja d'um principio, e a sua pratica longa d'essas coisas não lhe deixava ver o como, n'esta corrupção geral da urna, um — *parvenu* — qualquer podia impor-se ao eleitor indigena sem concorrer para os regabofes do bacalhão afogado em vinhos palhetes do termo. O facto, porém, punha-lhe na alma toda a abominação que se sente por um rival que nos esmaga na sua superioridade. E varios conflictos se haviam dado entre elles mesmo no exercicio das suas funcções medicas, chegando, por deliberado proposito, a discordarem na applicação d'um medicamento mais trivial em therapeutica — com o que a humanidade enferma era, por vezes, sacrificada.

A hostilidade havia-os, portanto, collocado em frente do outro, tanto nas relações pessoaes como no campo largo da sciencia : o doutor Bruno, porque o collega era allopatha, começou a empregar a homœopathia, sistema que sempre condemnára. Tal era a tensão vibrante do seu odio.

Um dia, porém, devido a um d'estes acontecimentos que o genio do accaso prepara, os dous rivais faziam viagem no mesmo compartimento de primeira classe. Era de verão. Viajava muita gente, e o doutor Bruno, que percorrera todas as carroagens, teve por fim de aceitar aquella por ser a mais vasia, e de sujeitar o seu espírito caturra ás leis da impenetrabilidade. Tudo o que pôde fazer foi collocar-se n'uma das extremidades, encoberto com a familia que levava a Lisboa em villegiatura de recreio. Porém dentro abafava-se ; o sol cahia a prumo sobre a tolda do carro e o ar ambiente tinha o tom d'um rescaldo vivissimo que vinha bater nas faces enrubesidas dos passageiros. Então um homem de oculos azues muito dispnerico, que ia enterrado nos estofos do *fauteuil*, cansado de agitar a ventarola, pediu licença para abrir uma portinhola, — afim de ver — dizia — si um diabo soprava desse norte algum bocado d'ar mais respiravel. Um filhinho do doutor Bruno, inquieto como todas as crianças, foi para junto do homem, a olhal-o, interessado pelos bronchios do infeliz, que tossia sempre. O rival do doutor Bruno tirou de uma carteira um cigarro inhalante e offereceu-o ao dispnetico. E a criança que queria ver a dádiva do doutor, levantou-se-lhe á altura da mão, mas com tanta imprudencia, que ia a precipitar-se pela portinhola da carroagem quando o doutor o segurou pelo bibe a meia quenda.

O Dr. Bruno não percebeu logo aquella evolução, porque teimava em não olhar para o lado em que ia o seu inimigo : mas como no comportamento se levantasse aquelle ruido que occasionam as catastrophes imprevistas, louvando o salvador da creança, tomou conhecimento do caso e abraçou-se no filho, phreneticamente, quasi a chorar.

Depois voltou se para o collega, e poz-se a olhal-o, hesitante, duvidoso, saccudido entre as commoções do seu amor paternal e o estupor do seu odio infinito, e disse-lhe, affectando serenidade:

— Bem, o senhor fez-me um serviço : salvou a vida de meu filho. Tanto podia fazel-o sobre o leito em que agonisasse d'uma molestia qualquer violenta, como sustendo-o n'uma quenda mortal. O seu officio é curar, porque é medico. Mas a obrigaçao de quem utilisa os seus serviços clinicos, é pagar-lh'os. E' isso que eu quero fazer : diga quanto lhe devo !

O medico não respondeu á affronta. Voltou-se para o lado, indignado. O espírito dos assistentes applaudio este ultimo, invectivando o procedimento do Dr. Bruno.

Mas este, estendendo o braço, poude lançar no bolso do medico, subrepticamente, a sacca com todo o dinheiro que levava.

A odiosidade manifestou-se abertamente, da parte dos que presenceavam aquella scena.

— Que era uma indignidade. — Diziam.

E o medico, que presentíra o volume da sacca no bolso do guarda-pó, tirou-a, e lançou-a á cara do Dr. Bruno, silenciosamente, fleugmaticamente, como uma bofetada.

Foi então que o Dr. cahio do alto do seu orgulho impertinente e malcreado, e, fazendo caminho por entre os companheiros de viagem, abraçou o collega offendido n'um largo abraço de gratidão.

Eis como os dous inimigos mais irreconciliaveis se tornaram de então em diante os maiores amigos do mundo.

NUNES D'AZEVEDO.

Não partas

(VICTOR HUGO)

Eu vivo do ar que respiras ;
E como, dize-me agora,
Ficar, si tu te retirias,
Viver, si te vaes embora ?

Que me serve ser a sombra
De um anjo, que surge e passa ?
Ou de um céo, que o lucto assombra,
A noite pesada e baça ?

Eu sou a flor das muralhas,
De que abril é o só viver ;
Basta que tu me não valhas,
Que partas, para eu morrer.

Em ver-te puz meu cuidado ;
Toda a luz de ti me vem ;
Si ficas, fico a teu lado ;
Se partes, parto tambem..

Sí partes, róe-me a tristeza ;
E aos céos,— ao ninho, medrosa
Vôa minha alma — ave presa
Nos teus dedos côn de rosa.

No tedio negro da ausencia,
Triste de mim ! que serei ?
— E' tua ou minha a existencia
Que se desfaz ?— Não n'o sei.

Quando me falta a coragem,
Eu bebo-a no teu affago,
Bem como a pomba selvagem,
Nas aguas puras de um lago.

O amor ás almas ensina
Como o universo é bendito,
E esta chamma pequenina
Inunda todo o infinito.

Sem ti, a vida é a morte ;
O mundo carcer fechado,
Onde vago á lei da sorte
Sem amar, sem ser amado.

Morna tristeza funesta
Tudo desfolha ; meu cilio
Se enche de sombra; uma festa
E uma campa : a patria exilio.

Eu te imploro e te reclamo,
Oh ! pomba que de minha alma
Entôas de ramo em ramo
Hymno que as dôres me calma !

Que desejo me convida,
Que posso temer ?— emfim,
Que farei da propria vida,
Si já nã'stás junto a mim ?

E's tu que levas no vôo,
Aos céos e aos campos em flor,
N'uma aza as preces que entôo
N'outra meus hymnos de amor.

Aos tristes campos, que vela
O lucto de intima dôr,
Que hei de contar ? que da estrella
Farei ?— que farei da flor ?

Que direi á selva umbrosa ?
— E á triste flor que amanhan
Interrogar-me chorosa :
— Onde se foi minha irman ?

Morrerei ; parte, si o ousas !
Dias volvidos, porque
Olhar todas essas cousas,
Que o seu olhar já não vê ?

E que me importam destino,
Virtude, e lyra sonora ?
Sem o teu riso divino,
Que me importa o rir da aurora ?

Que farei, sem mais desejos,
Sem ti, sem luz, e sem cantos,
Sem teus labios, — de meus beijos, ?
Sem teus olhos,— de meus prantos ?

THEOPHILo DIAS.

Os theatros

Lucinda. — Estreia da companhia Martins, especialmente destinada á representação de peças nacionaes. *O Luxo e Vaidade*, de Joaquim Manoel de Macedo, regularmente desempenhado. Martins, enorme no papel do rhetorico fazendeiro Anastacio. Em ensaios, o drama em 5 actos *A lei de 28 de Setembro*, em 5 actos e apotheose, original do Sr. capitão Fernando Pinto de Almeida.

Phenix Dramatica. — Inauguração dos trabalhos da companhia Montedonio, com a bonita comedia *Os fidalgos da Casa Mourisca*, extraída do primo-roso romance de Julio Diniz. Um successo. As honras da noite cabem ao emprezario, que interpreta admiravelmente o papel de Thomé da Povoa. Em seguida vem o Gama, que tão apreciado já havia sido na operetta. O estimado actor portuguez tem uma creação no papel de D. Luiz, o velho fidalgo cheio de preconceitos e rabugices. Os demais artistas concorrem para o bom exito da representação, formando um conjunto muito para ser visto e aplaudido. Boa encenação.

Principe Imperial. — Reaparição da Pepa, em graciosas e interessantes cançonetas e scenas comicas. Sempre engracada o diabo da pequena ! Estamos mortos por vel-a fazer parte de alguma companhia. O Souza Bastos decide-se ou não se decide ?

Sant'Anna. — Muito concorridos os espectaculos do Heller, que tem andado a passar uma revista geral em todo o repertorio. Prepara-se activamente a zarzuela *Amar sem conhecer*, de Barbiere.

Recreio Dramatico. — Ultimos ensaios do *Conde de Monte Christo*.

S. Pedro de Alcantara. — Duas representações extraordinarias do *Guarany* pela companhia Hellers. Duas enchentes reaes.

Pedro II. — O proprietario, Sr. Bartholomeu Corrêa da Silva, recebeu uma carta do emprezario Mauricio Grau, tomardo o theatro, a contar de Maio do anno vindouro em diante, para as representações de Sarah Bernhardt. Bravo !

Gymnasio, S. Luiz e Vaudeville. — Foram-se !